



20º Congresso de Iniciação Científica

FREUD E JUNG E AS DIVERGÊNCIAS EM TORNO DA RELIGIÃO

Autor(es)

MARCEL HENRIQUE RODRIGUES

Orientador(es)

LUÍS ANTÔNIO GROPPA

Apoio Financeiro

CNPq

1. Introdução

Observa-se, na atualidade, a maturação da relação entre a Psicologia e a Religião. Porém, ainda é grande o preconceito sobre o tema da religiosidade nos meios acadêmicos, o que pode ter a ver com o fato de que, apesar da religiosidade sempre ter estado presente na história humana, a atualidade, marcada pelo cientificismo, despreza esse saber dogmático e seu efeito psicológico sobre o homem. Surge, então, o interesse pelo estudo da relação entre a Psicologia e a Religião, nos estudos psicanalíticos de Freud e Jung, que tanto divergiram sobre este assunto. A busca em entender os argumentos de Freud e Jung está justamente no antagonismo das duas teorias sobre a Psicologia da Religião, fazendo, assim, um balanço crucial das opiniões destes dois psicanalistas.

2. Objetivos

Investigar a maneira como a Psicologia se relaciona com a religiosidade, sobretudo nas teorias de Freud e Jung. Entender os fundamentos das teorias psicológicas da religião, sobretudo em um contexto psicanalítico. Desenvolver uma visão integrada desse campo do conhecimento. Compreender como a Psicologia, como ciência, se relaciona com uma das mais antigas manifestações de cultura humana, que é a Religião.

3. Desenvolvimento

Desde a Pré-História, o homem tem desenvolvido o seu senso de Religião, tanto que a arqueologia comprova a existência de religiosidade em um dos fósseis humanos mais antigos já encontrados, conhecido como o homem de Pequim (Bettencourt, 2003). Independentemente dos fósseis já encontrados, de acordo com Campbell (2009), seria possível observarmos a necessidade natural da psique humana em dar sentido à vida, nas diferentes religiões, através dos mitos, símbolos e ritos criados pela humanidade, em toda a sua história. Apesar de Campbell (2007), que atua na perspectiva psicanalítica, defender que a humanidade não seria capaz de sobreviver psiquicamente sem apelar para a religiosidade, sabemos que, dentro da comunidade psicanalítica, não há um consenso acerca do lugar que os processos psicológicos ocupam no psiquismo humano ou, ainda, qual deve ser a importância atribuída ao estudo da Religião pela Psicanálise. Freud (1997), pai da Psicanálise, dizia que a religião é fruto da evolução da religião primitiva totêmica, que seria decorrente de uma ilusão, isto é, de um medo irracional pela morte do pai primitivo, em um antigo ritual totêmico.

Assim, a religião seria culpa por um antigo assassinato ancestral que a humanidade, infelizmente, carrega. Então, para Freud (1997), a Religião equivaleria a uma culpa irracional que o homem não necessitaria carregar, configurando essencialmente numa proteção, contra a natureza real, que teria feições ilusórias. A necessidade de se colocar o Pai como Deus é o principal argumento freudiano que remete ao complexo paterno: Quando descobre que está destinado a permanecer criança para sempre, que nunca poderá viver sem proteção contra estranhas forças superiores, o indivíduo em crescimento atribui a essas forças as características pertinentes à figura do pai; ele cria para si mesmo os deuses que teme, aos quais procura agradar e aos quais, não obstante, confia sua própria proteção. Logo, seu anseio por um pai é um motivo idêntico à sua necessidade de proteção das conseqüências de sua fraqueza humana. A defesa contra a impotência infantil empresta as características à reação do adulto à impotência que ele tem de reconhecer - uma reação que é precisamente a formação da religião. (Freud, 1997, p.59). Embora a psicanalista francesa Dolto (2010) defenda o estudo da Religião, aponta ser compreensível a postura ateuista de Freud. Discute que, se Freud não tivesse rompido com os preceitos religiosos e médicos de sua época, não teria sido capaz de criar algo tão revolucionário para a Ciência. Assim, na compreensão de Dolto, Freud fez o que era preciso para poder romper com as barreiras que impediam a descoberta do animal que carregamos dentro de nós, bem como o seu desejo sexual. Dolto (2010) não apenas considerava importante a Psicanálise debruçar-se sobre os fenômenos religiosos, como, também, afirmava que a religião e a fé poderiam beneficiar o tratamento psicanalítico. Afirmava que a religião seria uma manifestação de um desejo em busca de um desenvolvimento, que transcende os meios racionais, configurando-se como um investimento libidinal. Dentro da comunidade psicanalítica, entretanto, não é a diferença entre as concepções de Freud e de Dolto, acerca da Religião, que chama a atenção e que, de certa forma, contribui para que a classe apresente opiniões tão contrárias acerca do tema. Sabemos que o psicanalista Jung, o principal discípulo de Freud, rompeu com o seu mestre, principalmente no que diz respeito à importância dos fenômenos religiosos no psiquismo humano, apesar de ambos terem tido várias outras divergências intelectuais. Jung (1983) afirmava que o termo religião vinha do vocábulo latino *Religare*, que é interpretado como a função de ligar o homem a algo superior. Esta ligação entre a humanidade e a Religião, de acordo com Rudolf Otto (apud Jung, 1983), estaria associada ao numinoso, um neologismo que se refere à relação psíquica que o homem estabelece com os rituais, símbolos e crenças religiosas. Assim, Jung (1983) defendia a idéia de que o homem nasceria com o numinoso, ou seja, com uma predisposição à religiosidade, de tal maneira que o fenômeno religioso seria algo inerente e natural da cultura humana. Jung (2008) defendia que toda a religiosidade, vale dizer, todos os mitos e símbolos seriam manifestações da psique humana e, portanto, pertenceriam à naturalidade do homem, não devendo de forma alguma ser desprezadas. Para Jung (1983), a religião se mostra como algo natural da psique humana coletiva, nos chamados arquétipos. Esses arquétipos são imagens primordiais existentes em todos os povos e se manifestam através dos sonhos, mitos, ritos e religiões: Mesmo os sonhos são feitos a partir de um material altamente coletivo, da mesma forma que, na mitologia e no folclore de povos distintos, determinados motivos se repetem de modo quase idêntico. Denominei esses motivos de arquétipos, entendo com isso formas ou imagens de natureza coletiva que se manifestam, quase no mundo inteiro, como partes constituintes dos mitos e, ao mesmo tempo, como produtos autóctones e individuais de origem inconsciente. Os motivos arquetípicos surgem provavelmente daquelas características do espírito humano transmitidas não só por tradição e migração como também por hereditariedade. Essa última hipótese é insuficiente, pois mesmo imagens arquetípicas complexas podem ser espontaneamente reproduzidas sem qualquer possibilidade de tradição direta. (Jung, 1965, p.59) Apesar de sua preocupação em alertar os homens a não desprezarem seus símbolos religiosos, Jung (2008) afirmava que, em contrapartida, a humanidade parecia viver uma anemia religiosa, marcada pelo desprezo do símbolo e pelas respostas científicas e técnicas. Aqui cabe nos questionarmos se esta observação de Jung não se referia, também, à relação que a comunidade psicanalítica, de maneira geral, estava estabelecendo com a Religião, na sua ânsia de comprovar a sua cientificidade e rigor metodológico, tão questionados pela sociedade científica. De fato, Angerami et al (2008) apontam que, apesar de predominar um confronto entre a Psicologia e a Religião, os analistas teriam herdado da Religião o ato de ouvir o sujeito que sofre: enquanto a Religião o faz por meio da confissão dos pecados, o psicanalista o faz através da escuta interpretativa. Por fim, Ávila (2007) coloca a seguinte questão: Qual seria o papel da religião para a natureza humana? A religião responde a um desejo comum da humanidade ou, ao contrário, não é mais que um produto histórico, fruto da cultura, da economia etc., com uma função social e psicológica concreta?

4. Resultado e Discussão

Muito do que se encaixa nas considerações finais já foi dito no último capítulo. O embate entre ciência e religião é secular, portanto não é um fato novo. As considerações iniciais, ou melhor, a proposta inicial desta pesquisa foi de compreender, com uma ótica fenomenológica, a rejeição de Sigmund Freud, um dos maiores nomes da intelectualidade do século passado, para com o fenômeno da religião, e analisar os motivos da ruptura com seu amigo e discípulo Carl Gustav Jung, que discordava da posição anti-religiosa de Freud. Acredita-se que tal objetivo foi alcançado com certo êxito. Não é novidade que o movimento psicanalítico suscitou e ainda suscita muitas críticas e acusações de anticientificidade por parte de muitos estudiosos, mas não podemos tirar-lhe o mérito de que a Psicanálise muito influenciou e ainda influencia a cultura e a sociedade de um modo geral. A maneira pela qual Freud encontrou e investigou praticamente tudo o que se refere ao inconsciente é digna de muito mérito. Quando o estudioso pesquisar as opiniões de Freud, ou de qualquer outro intelectual, deve ater-se às condições históricas com as quais o referido personagem conviveu. Por isso, atacar Freud pelo seu ateísmo e rejeição da religião, e deduzir que esteve completamente errado em supor que a ciência superaria a religião, é um grande engano e uma grande desconsideração para com a figura do pai da Psicanálise. Com efeito, Freud não esteve errado em supor que a religião seria superada pela ciência, mas enganou-se em supor que toda religião seria superada pela ciência.

Não é negado que o avanço científico, posterior e anterior ao movimento psicanalítico, desmascarou muitos dogmas religiosos e retirou da religião o seu posto, até então soberano, de detentora do conhecimento científico e intelectual. Sendo assim, podemos citar figuras como Voltaire, Newton, Descartes, Comte como cientistas que ajudaram a demonstrar a capacidade humana de desvincular-se da religiosidade e construir uma ciência que fosse puramente empírica. Os mesmos pressupostos destes estudiosos foram aqueles postulados por Freud, pelos quais merece ser destacado como um profundo defensor da verdade científica. Quanto à figura de Freud, podemos dizer que ele foi completamente influenciado pelo contexto histórico em que viveu. Se Freud não se desvinculasse da religião, ou seguisse o Judaísmo de seus pais, talvez nunca tivesse criado a Psicanálise. A necessidade de seu ateísmo foi fundamental para que ele pudesse explorar campos até então considerados tabus e completamente encobertos pela moralidade religiosa. Um destes campos é, sem dúvidas, o da sexualidade. Quanto a Jung, este é, sem dúvidas, também uma figura proeminente. As evidências literárias apontaram para um profundo desconforto de Jung perante a figura de Freud, que não aceitava a abertura para novos resultados psicanalíticos que não fossem fruto da sexualidade e da busca do homem pelo prazer, o que levou Jung a crer que seu mestre havia feito da teoria da sexualidade um dogma. Jung foi um dos poucos seguidores da Psicanálise que decidiu criticar Freud abertamente, sendo levado a fundar sua própria escola de Psicologia. Talvez seja esta coragem e o sentimento de que existiam outras verdades além daquelas ditadas por seu mestre que fizeram que Jung se tornasse uma figura ímpar dentro da história da Psicanálise. Como o cerne desta investigação teve como tema a religião dentro dos primórdios da Psicanálise, é justo ponderar que, apesar de Freud permanecer em seu ateísmo ortodoxo, em que não via com bons olhos os que apoiavam a religião como fonte de valores humanos, Jung, por sua vez, tanto valorizou a religiosidade e a mística dos mitos, que seus trabalhos estão carregados de analogias astrológicas, místicas e horoscópicas que, apesar de fazerem parte de analogias, confundem o leitor, que facilmente o considerará como um escritor místico.

5. Considerações Finais

Por fim, podemos concluir que nos primórdios do estudado movimento, a questão da religiosidade se encontrou deveras desbalanceada. De um lado temos Freud com seu ateísmo ortodoxo e de outro está Jung que, ao julgar a importância da religião para a humanidade, cobriu seus escritos de uma roupagem mística. Não se poderá julgar qual estudioso esteve certo ou errado, pois, como dito anteriormente, cada um teve seu valor, que muito contribuiu para o conhecimento humano, mas não podemos negar a existência de uma falta de equilíbrio entre suas teorias. É certo que a religião permanece em nossa sociedade e que provavelmente muitos pacientes ainda se deitarão nos divãs analíticos, aos quais trarão problemas existenciais que envolvam, direta ou indiretamente, a religião. Digo isso embasado em Eliade (2011). Este autor, que estudou fenomenologicamente as religiões, se refere à Psicanálise como tendo o mesmo papel das religiões. Ele demonstra que a verdadeira religião é aquela que promove o rito de passagem do sofrimento para a tranquilidade, sendo esta a mesma função da análise psicanalítica. Eliade (2011) argumenta que todo o sujeito que se sujeita ao setting psicanalítico está à procura de renascer por meio da extirpação dos sofrimentos angustiantes. Para isso, o paciente é convidado a descer profundamente em psiquismo, para recuperar as memórias traumáticas e assim curá-las, libertando-o de um sofrimento psíquico que, dentro das religiões, chamar-se-ia de sofrimento espiritual.

Referências Bibliográficas

- ALETTI, MARIO. A figura da ilusão na literatura Psicanalítica da religião. *Psicologia USP*, 2004, 15(3), 163-190
- ANDRADE, Tarcisio. Psicanálise e religião. *Estud. psicanal.* n.32 Belo Horizonte nov. 2009.
- ANGERAMI, Valdemar et al. *Psicologia e Religião*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- BETTENCOURT, Estevão Tavares. *Curso de Antropologia Teológica*. Rio de Janeiro: Gráfica Itaci, 2003
- BURKE, Janine. *Deuses de Freud: A Coleção de Arte do Pai da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Record, 2010
- BRYANT, Christopher. *Jung e o Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 1996.
- BERNSTEIN, Richard. *Freud e o Legado de Moisés*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- BARBOUR, Ian. *Quando a Ciência Encontra a Religião*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- CAMPBELL, Joseph. *As Máscaras de Deus: Mitologia Criativa*. São Paulo: Palas Athena, 2010.
- _____. *As Máscaras de Deus: Mitologia Ocidental*. São Paulo: Palas Athena, 2008.

-
- _____. As Máscaras de Deus: Mitologia Oriental. São Paulo: Palas Athena, 2008.
- _____. As Máscaras de Deus: Mitologia Primitiva. São Paulo: Palas Athena, 2010.
- _____. O Poder do Mito. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- CAPRA, Fritjof; RAST, David; MATUS, Thomas. Pertencendo ao Universo. São Paulo: Cultrix, 2003.
- CONNELL, Mark; AIREY, Raje. Signos e Símbolos. São Paulo: Escala, 2010.
- DOLTO, Françoise. A Fé à Luz da Psicanálise. Campinas: Versus, 2010.
- DYER, Donald. Pensamentos de Jung Sobre Deus. São Paulo: Madras, 2003.
- EDINGER, Edward. A Psique na Antiguidade. São Paulo: Cultrix, 1999.
- ELIADE, Mircea. Imagens e símbolos. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FREUD, Sigmund. Totem e Tabu e Outros Trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. O Futuro de uma Ilusão, O Mal Estar na Civilização e Outros Trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e Outros Trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e Outros Trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. A História do Movimento Psicanalítico, Artigos Sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Freud: Obras Escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 1976
- FREUND, Philip. Mitos da Criação. São Paulo: Cultrix, 2008
- FUKS, Betty. Freud e a Judeidade: A Vocação do Exílio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FROMM, Erich. Psicanálise e Religião. Rio de Janeiro: Livro Ibero Americano, 1966.
- FERNANDES, Roberto Rosas. A Psicologia Profunda no Novo Testamento. São Paulo: Vetor, 2004.
- GAY, Peter. Um Judeu Sem Deus. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- GOODENOUGH, Erwin. Jewish Symbols in the Greco-Roman Period. New Jersey: Princeton University Press, 1992.
- GORRESIO, Zilda Marengo. Os Pressupostos Míticos de C.G. Jung na Leitura do Destino: Moa. São Paulo: Anna Blume, 2005.
- GRUNING, Herb. Deus e a Nova Metafísica: Um Diálogo Aberto Entre Ciência e Religião. São Paulo: Aleph, 2007.
- HALL, James. Sonhos: Símbolos Religiosos do Inconsciente. São Paulo: Loyola, 1994.
- HOELLER, Stephan. A Gnose de Jung: E os Sete Sermões aos Mortos. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. Gnosticismo: Uma Nova Interpretação da Tradição Oculta Para os Tempos Modernos. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005
- JUNG, Carl. Gustav. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- _____. Memórias, Sonhos, Reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- _____. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Petrópolis: Vozes, 2008.
-

-
- _____. O Espírito na Arte e na Ciência. Petrópolis: Vozes, 2011
- _____. Psicologia da Religião Ocidental e Oriental. Petrópolis: Vozes, 1988.
- _____. Civilização em Mudança: Presente e Futuro. Petrópolis: Vozes, 2011.
- _____. Símbolos da Transformação. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LURKER, Manfred. Dicionário de Simbologia. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- MARQUES, Leonardo Arantes. História das Religiões e a Dialética do Sagrado. São Paulo: Madras, 2005.
- KOLTAI, Caterina. Totem e Tabu: Um Mito Freudiano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- PAIVA, Geraldo. A Religião dos Cientistas: Uma Leitura Psicológica. São Paulo: Loyola, 2000.
- PALMER, Michael. Freud e Jung: Sobre a Religião. São Paulo: Loyola, 2001.
- RIZZUTO, Ana Maria. Por que Freud rejeitou Deus? Uma Interpretação Psicodinâmica. São Paulo: Loyola, 2001.
- ROBERT, Marthe. De Édipo a Moisés: Freud e a Consciência Judaica. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- SANTOS, Mário. Tratado de Simbólica. São Paulo: Logos, 1959
- SILVEIRA, Nise. Jung Vida e Obra. Rio de Janeiro: Editor Paz e Terra, 1976.
- WONDRACEK, Karen et al. O Futuro e a Ilusão: Um embate com Freud sobre Psicanálise e Religião. Petrópolis: Vozes, 2003.
- WIELENBERG, Erik. Deus e o Alcance da Razão. Aparecida: Idéias & Letras, 2010.
- ZILLES, Urbano. Filosofia da Religião. São Paulo: Paulus, 2009.
-